

~~Handwritten scribble~~

# Um Crime em Santiago

Rubem Braga

FLU - abril 77  
RN ~~100~~  
100

A CONTECEU no Chile, em 1903 ou 7, isso não me lembro; mas em Santiago me dei ao trabalho de ir à Biblioteca Nacional folhear os jornais da época. Ia tomar notas para fazer uma reportagem, mas acabei não tendo tempo.

O caso é que uma bela noite um incêndio destruiu o edifício da Legação da Alemanha. No meio dos destroços fumegantes havia um cadáver. O ministro, Barão Hans von Boden, não teve dificuldades em reconhecer o corpo do conselheiro da Legação, Wilhelm Beckert, mesmo porque na mão esquerda estava a aliança de casamento. Além de Beckert devia estar na Legação, na hora do incêndio, o jovem porteiro Tapia, chileno. Inútilmente se procurou seu corpo; não foi encontrado em parte alguma. A mulher de Tapia informou que ele não aparecera em casa.

Examinando com mais atenção o cadáver de Beckert, os médicos chegaram à conclusão de que ele havia sido assassinado antes do incêndio, recebendo golpes na cabeça e no coração. O ministro revelou que dinheiros e valores consideráveis tinham sido roubados.

Sabia-se que Beckert tinha sido ameaçado por jovens nacionalistas chilenos; ele contara isso a alguns amigos. Entre seus papéis particulares foi encontrada uma carta anônima contendo ameaças à sua vida, e uma carta escrita por ele próprio, endereçada ao presidente da República do Chile, para ser aberta em caso de morte. Essa carta não tinha nenhuma revelação interessante; apenas ele protestava contra acusações que lhe eram feitas de exercer atividades contrárias aos interesses dos chilenos, e acabava pedindo clemência para seu assassino que só poderia ser um móço fanático. A emoção pública foi enorme e as altas autoridades foram ao entêrro do conselheiro. O discurso feito pelo ministro continha ameaças veladas ao governo chileno caso o criminoso não fôsse punido.

Tapia é procurado em todo o Chile pela polícia e pela população, sem resultado. É a essa altura que aparece um judeu de certa idade, relojoeiro, que procurou o juiz encarregado do processo para contar o seguinte: que vira o conselheiro Beckert na noite do incêndio e, pelos seus cálculos, depois do incêndio. O juiz perguntou se ele tinha certeza de que era Beckert. Disse que sim, pois o conhecia bem. Mas falara com ele? O relojoeiro disse que o cumprimentara em alemão e Beckert, que ia tomando um carro de praça respondera em castelhano dizendo que não o conhecia. Essa conversa do relojoeiro não seria levada muito a sério se um jornalista dêses... sensacionalistas não a publicasse com certo escândalo. Ao dar a entrevista, o relojoeiro negou-se a admitir que tivesse se enganado na pessoa ou na hora. Gabava-se de ser um excelente fisionomista, e, apesar da rua estar meio escura, reconhecera perfeitamente Beckert. Quanto à hora, também tinha certeza, pois era um homem de horários precisos: um relojoeiro.

Essas declarações do joalheiro animaram um dentista, que vira o corpo queimado, a declarar que os dentes pareciam os de um homem muito jovem, e não de um senhor da idade de Beckert. A coisa estava ficando mais séria, e apesar da grande irritação do ministro da Alemanha, o juiz acabou ordenando a exumação do corpo. O dentista de Beckert foi chamado e declarou que aquela boca não era de seu cliente. A mulher de Tapia disse que este tinha os dentes perfeitos, só com uma pequena cárie. E lá estava a cárie.

Beckert foi prêso no sul do país, quando tentava atravessar a fronteira para a Argentina. Ainda tinha muito dinheiro no bolso, e seus documentos, com outro nome, eram perfeitos. Enquanto esperava a execução confessou que seu grande consólo, no meio daquele tremendo golpe errado, era reler os belos elogios que lhe fizera, no discurso à beira do túmulo, o seu ex-chefe, o Barão Hans von Boden, ministro do Kaiser.

24, 25 e  
26  
(Carnaval)

com